



II Simpósio Pós-Estruturalismo e Teoria Social: Ernesto Laclau e seus Interlocutores
25 a 27 de setembro de 2017
Pelotas/RS – Brasil

Grupo de Trabalho 5: Teoria do Discurso, métodos e técnicas de pesquisa

Teoria do discurso e etnografia pós-estruturalista:
aproximações metodológicas para investigação no campo da
educação especial

Glaucia Eunice Gonçalves da Silva
Doutoranda em Educação
UFMT
E-mail: glanbela@gmail.com



Teoria do discurso e etnografia pós-estruturalista: aproximações metodológicas para investigação no campo da educação especial

Glauca Eunice Gonçalves da Silva

RESUMO:

A teoria do discurso tem sido apropriada para o campo da educação por diferentes pesquisadoras (Macedo, 2006; Lopes, 2012; Southwell, 2013; Burgos, 1994; Alba, 1998). Tais cientistas apontam a teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe como potente ferramenta na investigação de políticas educacionais. Nesse sentido, este artigo problematiza o uso da teoria do discurso na investigação das políticas educacionais no contexto escolar, abordando especificamente os processos educativos de alunos com deficiência intelectual. Este estudo pretende discutir ferramentas que tornem possível a investigação das produções discursivas em uma escola pública, assim como os instrumentos utilizados para realizar essa análise. Defende-se a ideia de uma aproximação entre a etnografia pós-estruturalista e a teoria do discurso. Por fim, articula as possibilidades, procedimentos e práticas que permitem a aproximação entre essas estratégias metodológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Deficiência intelectual; contexto escolar; metodologias.

*O caminho agonizava,
morria sozinho... Eu vi...
Porque são os passos que fazem os caminhos!*
(Mario Quintana)

Introdução

O desenvolvimento é uma característica de todos os seres humanos, investigar este objeto a partir de uma teoria que não se baseasse tão somente na Psicologia foi o primeiro desafio imposto à pesquisadora.

Tradicionalmente, a escola é espaço de saberes disciplinarizados e os alunos que apreendem esses saberes são bem sucedidos academicamente. Contudo, será que desenvolver-se é tão somente apreender os conhecimentos hegemônicos



pelas disciplinas? Quem são os atores que contribuem para a formação desses saberes? Quais as políticas que contribuem nesse desenvolvimento? Como as práticas pedagógicas se articulam na produção do desenvolvimento humano? Essas questões exigiram uma abordagem teórico-metodológica para além daquelas tradicionalmente utilizadas no campo da Psicologia, pois o desenvolvimento humano no contexto escolar não é consequência de uma evolução pessoal, mas de uma produção discursiva que envolve diferentes sujeitos.

Desenvolver-se é condição de qualquer ser vivo, todavia o desenvolvimento da pessoa humana está imbricado em uma rede de significações que se articulam ao próprio desenvolvimento da pessoa. Nesse sentido, problematizou-se: como o aluno com deficiência intelectual se desenvolve no contexto escolar? Essa problematização resultou em uma pesquisa de doutorado intitulada “Produções discursivas em torno do desenvolvimento humano do aluno com deficiência intelectual. Esse artigo pretende decorrer sobre os encaminhamentos teórico-metodológicos desenvolvidos na pesquisa.

Nesta perspectiva, esta pesquisa se interessa em reconhecer a deficiência intelectual como uma característica biológica, mas preocupada em analisar as relações sociais produzidas em torno do desenvolvimento humano do aluno com deficiência intelectual. As relações de poder e a perspectiva histórica são centrais nessa discussão. O poder opera a partir de forças e essas têm capacidade de resistência. Neste mesmo pensamento, entender os eventos históricos como contingentes, demonstrando a ausência de causalidade, o estranhamento nas relações, a análise das continuidades e discontinuidades, o que está dito, o que foi silenciado, as regras, as repetições são fundamentais para compreender o desenvolvimento humano e as produções de sentidos neste contexto.

Assim, para estudar o desenvolvimento humano da pessoa com deficiência intelectual, faz-se necessário ferramentas que ofereçam escapes que permitam a compreensão das características biológicas, sociais, históricas e culturais dos sujeitos pesquisados.

O estudo dos movimentos, articulações e relações em torno do desenvolvimento de sujeitos com deficiência intelectual exigem uma abordagem



teórico-metodológica percepta as multiplicidades, peculiaridades e minúcias sem perder a rigorosidade. Nesse sentido, a Teoria do Discurso propicia a análise necessária ao objeto de pesquisa, já que potencializa as possibilidades discursivas a cerca da deficiência intelectual com a finalidade de vislumbrar caminhos diversos para além daqueles que já foram percorridos.

Teoria do discurso e etnografia: uma aproximação necessária

O campo da pesquisa educacional começou a ser fortemente influenciado por correntes teóricas em ruptura com as tradições metanarrativas e universalistas modernas, correntes comumente denominadas como *pós-modernas*, *pós-estruturalista* ou mesmo *pós-críticas*. Estas concepções propõem novas formas de fazer pesquisa, portanto buscam outros paradigmas a fim de enriquecer as discussões sobre deficiência e educação especial.

A escolha por uma abordagem metodológica pós-estruturalista não implica em uma abordagem metodológica ausente e/ou assistemática. Busca-se uma abordagem metodológica que compreenda quem é o sujeito da pesquisa, suas características, o lugar em que o mesmo se encontra na cadeia discursiva e o laço social estabelecido com as outras identidades do lócus pesquisado.

A abordagem teórico-metodológica se constitui a partir das necessidades impostas pelo objeto de estudo. Essa abordagem não implica numa carência de rigor e seriedade metodológica, mas uma produção científica orientada ao enfrentamento do problema proposto, em que a abordagem teórico-metodológica forneça recursos para enriquecer e aprofundar a compreensão dos processos analisados.

A teoria do discurso é posta como uma caixa de ferramentas cujo propósito é rastrear e reconstruir as sequencias de sentidos que escapam a qualquer fixação definitiva, caracterizando-se pela fruição de significados cambiáveis ao longo de todo processo investigativo.

Este tipo de ferramentas de inteligência, embora pareçam articulados de forma particular nesta perspectiva de pesquisa, são de fato recuperadas de vários pensadores como Wittgenstein e Rorty, da filosofia pragmática, em especial da filosofia política (da fenomenologia de Arendt até Laclau), da



psicanálise (particularmente lacaniana), da historiografia (de Nietzsche até Furet, passando pela Escola dos Annales e Foucault) e pela teoria política (do marxismo ao pós-marxismo, o decisionismo e Mouffe). (BUENFIL, 2010, p.5)

As ferramentas oferecidas pela teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2015) permitem uma alternativa às metodologias clássicas que impõem um único caminho ao conhecimento científico. A teoria do discurso surge como um modo de inteligência que abarca um conjunto de categorias conceituais cuja potencialidade analítica se põe em torno dos dilemas, disputas, confrontos, hibridações y negociações que tramitam no terreno educativo. (SOUTHWELL, 2012)

O que se tem é um objeto de estudo e o desejo de conhecê-lo, e então se estabelece o caminho a ser percorrido. Lembrando-se sempre que, como não há um mapa pré-estabelecido, esse caminho muitas vezes será percorrido em círculo, haverá permanência durante muito tempo no mesmo lugar, idas e vindas constantes. Isso ocorre quando se opta por trilhar por caminhos pouco explorados e sem GPS¹.

Embora tenha criado uma teoria de análise política, Laclau não criou um método de análise, pois a ação de investigar o social, não pode ser metodologicamente entendida como descrever a realidade, cabendo ao pesquisador compreender essa realidade não como um fenômeno natural cujas leis observadas podem ser generalizadas a todo e qualquer espaço social. O social é um mundo de significados e práticas construídas, frente a isso a caixa de ferramentas criadas a partir da teoria do discurso vai ganhando contornos particulares sem a intenção de criar uma ferramenta precisa, rígida e definitiva. O que se busca é um conjunto de noções teóricas ressignificadas que permitam desenvolver a compreensão do objeto de estudo.

Assim percebemos que a teoria apresenta noções que devem ajustar-se a realidade da pesquisa, negando o uso de uma teoria fátua com uso de conceitos altamente sofisticados voltados apenas para os conhecedores da teoria, sem estabelecer interlocução com as pessoas que também tem interesse naquele problema específico.

¹ A sigla *GPS* significa, em inglês, Global Positioning System, ou, em português, Sistema Global de Posicionamento, baseado em satélite, utilizado para informar coordenadas de posição.



Acredita-se que uma abordagem teórico-metodológica com base na teoria do discurso ofereça outras possibilidades de investigar a deficiência intelectual, porém a pesquisadora para além da Psicologia. Utilizar a teoria do discurso de Laclau é apropriar-se de uma teoria potente na investigação de um objeto complexo.

As estruturas no contexto da escola não estão dadas, são sempre criadas contingencialmente; assim, para análise dos dados, propõe-se uma estruturação dos elementos do contexto escolar a fim de organização e exposição da análise. Para tal, utilizou-se a etnografia pós-estruturalista.

Antes de mais nada é preciso esclarecer que uma boa teoria não garante a solução ao problema de pesquisa, tão pouco a definição metodológica a ser empregada. As teorias não são corpos de conhecimentos fixos hábeis a solucionar problemas complexos como os pesquisados nas ciências sociais e humanas. É necessário uma reapropriação, ajustes as condições específicas do problema encontrado.

Toda tese leva uma introdução, marco teórico, contexto, etc. Este uso pode ser muito frequente e é resultado de operações necessárias no emprego de delineamentos que minimamente devem estar incluídos em uma investigação séria. O problema aqui reside na sedimentação da fórmula e na perda de sentido metodológico. Os efeitos desta ritualização e normatização da teoria são por todos conhecidos: às vezes o famoso “marco teórico” fica completamente distante do tema específico da investigação que desenvolve e aparece tão só como um requisito formal (BUENFIL, 2002, p.31).

Assim, propôs se uma intelecção entre a teoria do discurso de Laclau e da etnografia pós-estruturalista. A teoria laclauniana, na pesquisa em voga, trata de compreender os discursos produzidos através das práticas articulatórias entre os diferentes elementos no campo da discursividade (escola), assim como os antagonismos produzidos entre os diferentes discursos que são políticos, pois estão localizados no terreno da indecibilidade, em uma relação política cingida pela hegemonia. É esse movimento discursivo que estrutura contingencialmente a vida social e produz a subjetividade dos atores escolares.



Neste processo investigativo, as abordagens etnográficas aparecem como escolhas metodológicas de pesquisadores (LIMA, 2016; KLEIN, 2010; DAMICO, 2011; ROCHA, 2016) cujo foco está nas interações cotidianas e a polifonia que marca as relações sociais. A resignificação da etnografia é um processo de transformação experimentado por uma das tantas correntes da antropologia que reconhece Foucault como um dos seus orientadores principais, tendo nesta perspectiva forte influência da filosofia foucaultiana na comunidade antropológica. De tal maneira, “a verdade” passou a depender da multiplicidade de epistemes dissolvidas em uma multidão de verdades igualmente válidas. (REYNOSO, 2003)

Houve ainda a contribuição de Derrida com o conceito de desconstrução, apontando a possibilidade de questionar os fundamentos, estruturas ou metanarrativas sem incorrer na racionalidade ocidental. A estratégia de desconstrução de Derrida permite arrazoar sem reconhecer a primazia da racionalidade (REYNOSO, 2003). Em curso, há sentidos e significados dissolvidos no cotidiano que envolve ensinamentos, comportamentos, julgamentos (nem sempre racionalizados) que compõem os discursos em torno do desenvolvimento humano da pessoa com deficiência intelectual.

Essa etnografia nomeada pós-moderna ou pós-estruturalista litiga um sujeito produzido a partir da discursividade constituída a partir dos fragmentos do cotidiano. Conduz o investigador ao mundo do sentido comum e rechaça a ideia do espaço investigado como terras estranhas. Não é uma nova roupagem mais adequada aos tempos atuais, trata-se uma ruptura com a ênfase cientificista da estética moderna, fundacional e experimental, é um retorno à noção poderosa do caráter ético que enfatiza a natureza cooperativa e colaborativa da situação etnográfica em contraste com a ideia de um observador transcendental. É um contexto de criação de narrativas que resulta em um texto polifônico, na qual ninguém detém a última palavra.

O modo de compreender as relações sociais propostos pela etnografia pós-estruturalista está intimamente comprometido com a paisagem (natural e social) e com as produções de sentidos, a fim de certificar com credenciais científicas as metodologias interativas e intersubjetivas. Assim, é possível renovar as



metodologias, produzindo metamorfoses no trabalho de campo. Eis que surge uma antropologia cuja coleta e análise de dados não garantirão uma compreensão completa do fenômeno pesquisado, senão uma multiplicidade de sintomas promitentes a sustentar um diálogo crítico e profundo sobre um dado fenômeno. (CLIFFORD, 1999)

Esse exercício etnográfico insiste na ambivalência, na desautorização, na evocação, na polifonia, na crise de representação que exige o cruzamento de diferentes fontes de informações. (KLEIN; DAMICO, 2014) Nesse sentido, esta pesquisa utilizará como fonte: os documentos oficiais, anotações, escritos e desenhos produzidos pelos alunos investigados, caderno de campo, narrativas, entrevistas, relatórios e fotografias.

A partir desta tessitura metodológica, a seção seguinte se inscreve na tentativa de mostrar alguns passos referentes aos dados coletados.

Teoria do discurso e etnografia pós-estruturalista: o percurso investigativo

O percurso metodológico considera as ressignificações que a teoria sofrerá mediante o fenômeno investigado. Essa postura investigativa enseja detalhar os caminhos percorridos a fim de que a forma de se fazer a pesquisa seja coerente com o referencial teórico escolhido.

Após todos os trâmites legais para desenvolvimento da pesquisa, deu-se início ao trabalho de campo. Utilizou-se como técnicas de coleta de dados a análise documental, observação participante, entrevistas abertas e narrativas.

Nesta pesquisa, a análise documental possibilitou localizar o espaço pesquisado em um contexto social mais amplo, demonstrando que as políticas produzidas naquele espaço se articulam a outros discursos fora da escola. Esta técnica na pesquisa qualitativa complementa os dados obtidos, organizando-os e interpretando-os de acordo com os objetivos da investigação proposta.

Sendo assim, analisou-se documentos norteadores das políticas públicas voltadas para o desenvolvimento da pessoa com deficiência intelectual. O acervo



analisado foi composto por documentos normativos, orientativos, médicos e pedagógicos. Considerou-se os escritos internos e externos quando implicados no contexto local. Assim, coletou-se projeto político-pedagógico escolar, plano de AEE, relatórios de desenvolvimento do aluno, diagnósticos de alfabetização, projetos escolares ligados à inclusão, produções dos alunos, fichas de alunos, dossiê, entre outros documentos produzidos nacionalmente, como o Estatuto da Pessoa com Deficiência e Plano Nacional de Educação.

Esta pesquisa investiga as dimensões significativas de fenômenos educativos em uma escola. Fiel a esse propósito, a observação se torna um procedimento adequado para “provar profundamente e analisar intensamente o fenômeno que constitui o ciclo vital da unidade a fim de estabelecer generalizações acerca da mais ampla população a que pertence tal unidade” (COHEN; MANION, 1990, p. 164). A partir do objeto de estudo, coube à pesquisadora a observação como procedimento para compreender o espaço pesquisado.

Na observação participante, realizada neste estudo, a pesquisadora contou com roteiro prévio a fim de guiar seu olhar e responder ao problema de pesquisa, contudo os registros se deram a partir da sensibilidade da pesquisadora.

A pesquisadora permanecia com a criança nos diferentes espaços da escola e acompanhou as atividades em sala de aula, em SRM, sala de informática, recreações, festas, entre outros. Houve envolvimento da pesquisadora com o ambiente escolar, contudo, buscou-se manter o estranhamento necessário para a condução do trabalho. Isso exigiu que a pesquisadora captasse os modos de atuação dos elementos imbuídos no processo de desenvolvimento dos alunos e registrasse suas percepções. É importante ressaltar que a subjetividade da pesquisadora circulou nos processos de registro, contudo, buscou-se o distanciamento do fenômeno observado.

Para o registro das informações observadas utilizou-se caderno de campo, fotografia e captação de áudio. Durante a observação registrava o que mais chamava atenção da pesquisadora, para, após o término da atividade de campo, acrescentar informações mais detalhadas e precisas sobre a observação realizada.



Coletou-se também desenhos produzidos pelos alunos, cópias dos cadernos dos alunos e fotografias.

As observações se deram em diferentes dias da semana e horários. A pesquisadora não informava previamente o dia em que pretendia visitar a escola, apenas informará o mês de dezembro como término das atividades de pesquisa. Isso se deu para que os sujeitos participantes não criassem cenários para serem observados. Houve também a observação de reunião na Sala de Recurso Multifuncional, envolvendo a SME e outros professores de AEE.

A entrevista aberta é um potente instrumento para coleta de dados, sendo importante atentar-se para o caráter de interação que permeia a entrevista. Apesar do pesquisador saber o que pretende coletar, não há imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e aproveita o clima de espontaneidade que a interação permite. O entrevistador precisa considerar as respostas verbais, sobretudo os gestos, as expressões, sorrisos, emoções. Não é possível aceitar tão somente a fala verbalizada como verdade única, é preciso analisar essa fala à luz de toda linguagem expressada e confrontá-la com outras informações (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

A partir da observação, a pesquisadora propunha questões para aprofundar o entendimento sobre a ação observada, ou realizava perguntas a fim de esclarecer dúvidas envolvendo os sujeitos pesquisados. Durante vários momentos as entrevistas aconteciam em um tom informal, garantindo a tranquilidade e espontaneidade do entrevistado. A pesquisadora buscava não interromper e ouvir a narrativa dos sujeitos. Quanto ao registro, nem sempre foi possível gravar as narrativas, em alguns momentos registrou-se os depoimentos no caderno de campo.

Realizou-se entrevistas com todos os sujeitos primários e secundários, incluindo também uma técnica do laboratório de informática e duas técnicas de desenvolvimento educacional especializado que contribuíram com falas significativas sobre o desenvolvimento humano de alunos com deficiência.

A duração de cada entrevista variou sem ter um período mínimo ou máximo, dependia unicamente do tempo que o entrevistado necessitava para narrar suas



ideias. Assim, as entrevistas foram transcritas e serão analisadas juntamente com os demais instrumentos da pesquisa no momento da análise dos dados; as narrativas produzidas através das entrevistas serão utilizadas como “cenas” conexas ao contexto da observação.

É salutar apontar a relação de confiança estabelecida entre os sujeitos e a pesquisadora. A afinidade desenvolvida permitiu a fluência do trabalho e uma coleta de dados bastante rica.

Para analisar e atribuir sentidos a um material qualitativo, é preciso penetrar nos significados que os atores sociais compartilham na vivência de sua realidade. Dessa forma, a abordagem teórico-metodológica para análise do material empírico será a análise do discurso.

Classicamente, a análise do discurso é o nome dado a uma variedade de estudos de textos desenvolvidos a partir de diferentes tradições teóricas. “A análise do discurso objetiva realizar uma reflexão sobre as condições de produção e apreensão do significado de textos produzidos em diferentes campos, por exemplo, o religioso, o filosófico, o jurídico e o sociopolítico” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 25). Os pressupostos para análise indicam que os sentidos dos significantes não existem em si mesmos; expressam posições discursivas em um jogo de identidades que se articulam em uma arena social na qual as relações são produzidas. A análise do discurso considera que a linguagem não é transparente, mas opaca. O pesquisador faz uma leitura dos elementos linguísticos e extralinguísticos, enfocando a posição discursiva dos sujeitos.

A decisão de usar análise de discurso impõe uma mudança epistemológica radical. Como já indiquei, os analistas de discurso não veem os textos como veículos para descobrir alguma realidade pensada como jazendo além, ou debaixo da linguagem. Ao invés disso, eles estão interessados no texto em si mesmos, e por isso fazem perguntas diferentes. Diante da transcrição de uma discussão entre vegetarianos, por exemplo, o analista de discurso não procuraria descobrir ali porque as pessoas implicadas deixaram de comer carne e peixe, mas ao invés disso, estariam interessados em analisar como a decisão de se tornar vegetariano é legitimada pelos porta-vozes, ou como eles respondem a críticas potenciais, ou como eles formam uma autoidentidade positiva. A possível lista de perguntas é interminável; mas como se pode ver, elas são bem



diferentes das convencionais perguntas sociocientíficas. (GILL, 2002, p. 251).

Para Burity (2014), os fenômenos sociais não têm uma única forma de abordar, descrever e de explicar, pois não estão dispostos numa relação simples de causalidade, é um entrelaçamento de diversos acontecimentos. Nesse sentido, como organizar os dados sem cair nas armadilhas da causa-consequência, facticidade, minimização e linearidade?

A organização de dados só é possível a partir da crença de que não haverá um ato único capaz de encontrar mecanismos cujo desdobramento automático ofereça todas as respostas; não é possível uma ordenação de efeitos causados pelas relações, bem como a apreensão da totalidade do social, mas é possível uma fixação de um sistema de diferenças articuladas, mas, ao mesmo tempo, cindidas, descentradas, mostrando o que escapa, sem que nenhuma estrutura possua unidade. Trata-se de uma estrutura deslocada, de modo que seus elementos integrantes se prestam a outras formas de articulação, mas que também permite apontar formações discursivas hegemônicas estabelecidas no contexto social (LACLAU, 2011).

A teoria do discurso de Laclau e Mouffe não tem um método, assim trilhou caminhos apontados pela etnografia pós-estruturalista a fim de coletar dados para posterior análise a partir da teoria do discurso.

Considerações finais

Algumas pesquisas atualmente buscam traçar novos caminhos entre o empírico e o epistemológico. De forma que o estudo seja norteado pelo problema. Assim, busca-se coletar os dados e ao fazê-lo não se trata de enformar o percurso metodológico dentro de uma metodologia já constituída anteriormente. É um momento de caminhar e construir a metodologia ao passo que se movimenta dentro da pesquisa.



Novos caminhos e diferentes roupagens não negam a cientificidade da pesquisa, demarcam a composição e o desenho teórico-metodológico desenvolvido pelo pesquisador. O que se pretendeu foi utilizar a teoria do discurso a partir de passos que não deixassem as técnicas e métodos utilizados na pesquisa se descolarem dos sentidos que a sustentam.

O que se buscou na intelecção entre teoria do discurso e etnografia pós-estruturalista foi encontrar meios para investigar os objetos e práticas no contexto escolar a fim de compreender os significados em torno do desenvolvimento humano da pessoa com deficiência.

Referenciais bibliográficos

BUENFIL, R.N.B. Los usos de la teoría em la investigación educativa. **Nueva Época**, Vol. 6 n. 12 (26) Jul-dic, 2002.

_____. Dimensiones ético-políticas en educación. **Sinéctica**, nº 35, 2010.

Disponível em: <https://sinectica.iteso.mx/index.php/SINECTICA/article/view/134/127>

Acesso em: 25 de jul. de 2017.

BURITY, J. Discurso, política e sujeito na teoria da hegemonia de Ernesto Laclau. In: MENDONÇA, D.; RODRIGUES, L.P. **Pós-estruturalismo e teoria do discurso**: em torno de Ernesto Laclau. 2. ed. Porto Alegre:EDIPUCRS, 2014.

COHEN, L.; MANION, L. **Métodos de investigación educativa**. Madrid, Espanha: La Muralla, 1990.

CLIFFORD, J. **Itinerários transculturales**. Barcelona:Gedisa, 1999.

DAMICO, J.G.S. Juventudes governadas: dispositivos de segurança e participação no Guajuviras (Canoas-RS) e em Grigny Centre (França). **Tese**. Programa de Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

_____. KLEIN, C. O uso da etnografia pós-moderna para a investigação de políticas públicas de inclusão social. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A.

Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. 2.ed. Belo Horizonte:Mazza Edições, 2014.



GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GILL, R. Análise de Discurso. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LACLAU, E. **Emancipação e diferença**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LIMA, V.C.O. Alunos abjetos: etnografia da inclusão numa escola municipal de Fortaleza. **Tese**. Universidade Federal do Ceara, Faculdade de Educação, Fortaleza, 2016.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.

KLEIN, C. Biopolíticas de inclusão social e produção de maternidades e paternidades para uma “infância melhor”. **Tese**. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

REYNOSO, C.(Org.) **El surgimento de la antropologia posmoderna**. Barcelona:Gedisa, 2003.

ROCHA, J. S. Castigo e Crime: Adolescentes criminalizados e suas interações com as condutas de risco, a educação e o sistema de justiça. **Tese**. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2016.

SOUTHWELL, M. (en prensa). Análisis político del discurso: posiciones y significaciones para la política educativa. In: TELLO,C. (Org.) **Política y epistemología de la investigación educativa**, Buenos Aires, 2012.